

O BALUARTE

semanário defensor do operariado

Administração e redacção provisória: Sede dos Sindicatos Operários. R. Graçador Molariño, 5.	Redactor principal: João da Silva. Editor e Administrador: João E. Macedo	Composição e impressão: R. do Graçador Molariño, Guimarães. Preço actual, 5 cent. (50 reis).
--	--	--

“Comodistas...”

como nós!

Agitadores profissionais, agentes habituais de desordem, são classificações que nos não podem ser applicadas com verdade e justiça. Revolucionários somos, é certo, e sempre com inteiro desassombro o afirmamos. Mas revolucionários exactamente porque ambicionamos a verdadeira, a perdurável ordem que só pode existir numa organização social em que os interesses de todos livremente se equilibrem, a garantir uma harmonia inalterável.

Bolxevistas não o somos igualmente. A revolução russa é verdade que pode ser para nós um incentivo, mas nunca um modelo. Habitados a falar sem reboço e sem temor, com pênna de todas as pênas, nada obstaria a que confessássemos francamente as nossas tendências bolxevistas, se acaso elas caracterizassem os nossos ideais. Estamos aqui no exercicio duma missão que é, essencialmente, da propaganda. Para fazer a propaganda duma ideia é necessário expô-la inteiramente, profundamente. A sermos bolxevistas já desta doutrina teriamos feito o rasgado elogio, pondo em

plano inferior a organização sindicalista. Ora a verdade é que, nas nossas referências à constituição politica da Rússia apenas nos temos preocupado em restabelecer a verdade dos factos, a desmentir muita infâmia, muita calúnia de que a imprensa burguesa se faz eco. A respeito da revolução russa temos publicado muitos depoimentos, colhidos em fontes que nos merecem crédito, e muitos pareceres, de criaturas que reputamos honestas e dignas de aprêço. E não poderá dizer quem habitualmente nos lê que só a pareceres e depoimentos abertamente favoráveis tenhamos dado publicidade. Queremos nós também — quantas vezes o temos afirmado! — fazer a revolução emancipadora, derrubar a iniquidade e a tirania, restabelecer a igualdade económica, abolir privilégios, libertar os espezinhados. Simplesmente, esta revolução, tal como a ambicionamos e visionamos, não se assemelha à revolução russa, nem nos fins nem nos meios.

(De «A Batalha», porta-voz da organização operária portuguesa).



LEDE “O BALUARTE,”

(Propriedade da Empresa de “O BALUARTE.”)

INOCENTES PREGUNTAS

Diz o nosso colega «Comercio de Guimarães», em seu numero de 5 do corrente, que grassa em algumas terras do paiz a febre aftosa, estando, por esse motivo, prohibidas as feiras e mercados de gado nas freguesias em que se tenha manifestado essa doença.

Nos concelhos ainda não atacados as respectivas camaras municipais tem tomado todas as medidas para que se não propague a febre aftosa.

Nós perguntamos: Que se faz em Guimarães? Que medidas tem sido tomadas para garantir o consumo de carne boa? Existe veterinario que examine o gado no Matadouro?

Está em risco a nossa saude e a nossa vida, e o publico consumidor precisa saber se pode ter confiança no gado que se abate.

E nós, os do «Baluarte», acrescentamos: Por que razão não é examinado o leite, nas barreiras por onde transita ou no mercado, onde é exposto á venda?

Ainda a semana passada, na rua de D. João, se deu o caso grave de ser atacada dessa molestia, uma criança que era alimentada a leite. Isto dito e confirmado por um medico abalizado desta cidade, o sr. dr. José Joaquim de Meira!

E este facto, grave e lamentavel, mostra bem a medida do desleixo a que a Camara votou estes serviços!

Com vista a quem compete.

PORCO BARATO

Dizem-nos que um nosso «amigo» cá da terra anda em negociações para a compra de um outro porco, no que acreditamos, porque vende ao publico uma diminuta quantidade de cigarros. Tem o estabelecimento aberto apenas 4 horas. Procura-se tabaco e não tem... Mas tem no para vender a 4 esc. e mais cada volume e para trazer regalos interessados no negocio...

Alé á semana, porque protestamos escangalhar a «xafarica».

Psicologia Social

Crimes bárbaros

(CONTINUAÇÃO)

A burguezia foi sempre assim, bárbara e sanguinária; no nosso país mais que em qualquer outro. Quem manda é ela, apczar de rancorosa fêra. Rouba, prende, mata e tudo está bem, porque o povo, dementado e estúpido, assim o quer e tudo lhe consente.

Sobre os desafectos ela exerce as maiores repulsas, as maiores torturas. Prende quando quer, solta quando lhe apetece, mata quando a sua alma de hiena se quer satisfazer de sangue e rouba quando quer ver os humildes supliciados com a miséria. Os seus instintos são sanguinários, bárbaros e cruéis. Conhecemos-lhe bem a psicologia: vai do assassinio ao roubo; da infâmia ao ódio, da calúnia ao vilipêndio. Que fêra horrível!...

Quem vive, ou poderá viver, numa terra onde a «cáfila» tem êste pederio? Ninguém; a não ser a malta que faz «pendent» com o crêdo e que diz amen com êstes actos de «sabotage».

Mas não será isto uma infame barbaridade, um repugnante crime? Que fazes tu, dementado escravo, perante êste vandalismo? Cruzas os braços perante os conselhos daqueles que te indicam o caminho que tens a seguir se quizeres viver feliz, sem o pezo da tortura e da tutela!

Como és infeliz!...

Preferes morrer de fome, vêr torturar o teu camarada e amigo, aquele que se propõe mostrar-te o caminho de um sorridente horizonte, do que vires para a rua, combater o teu carasco!

Não reflectirás um pou-

co no papel de nêscio que andas a desempenhar? Não te lembras que a malta abusa de ti e dos teus defensores, por ver a tua inconsciência? Não acharás já tempo de acabar com o teu suplicio, com o suplicio da humanidade! Não!, porque queres continuar a ser escravo dêsse falso e audacioso senhor de quem dependes e que te governa.

Forte inconsciência!...
Forte barbaridade!...

Causa-nos pena, ver-te sofrer; aguentar, de braços cruzados e com a maior indiferença, todas as torturas quando é certo que, se tu quizeses, nada disto existia, porque — compenetra-te disto — é mais justo vires para a rua barricar os teus algozes, desmoronar os privilégios fronteiriços, do que consentires que te escravizem e obriguem a defender pátrias matando o teu irmão de trabalho, para sustentaculo de ambiciosos.

E se te servem de lição êstes factos que apontamos, se estás disposto a redimir-te, a enancipar-te da escravidão, vem connosco para a rua e ao destruires, com a força da dinamite, esta sociedade perversa, exclama: «Abaixo a vil canalha que me manietta!»

Emquanto assim não fizeres não terás assegurada a tua estabilidade de vida.

OLIMPIO MORENO.

Da «Alvorada»

«Queres a vida barata?
Trabalha o maximo. Consume o minimo.
Despreza o superfluo. Condensa o luzo».
Belos ensinamentos, não há duvida.
Será cumprindo esta doutrina que os adeptos da «Alvorada» se armaram em luharões? Foi o minimo a quantia produzida pelo imposto sobre o fôgo de Vizela?

Por isso êle se consumiu!
Ah! sim, tem razão os da «Alvorada» considerando superfluo para os pobres o açucar, e por isso o levaram para suas casas ou de seus amigos.

Lá se vê! O dr. nunca andou de automovel mas precisa, lá isso, francamente o confessamos, de um que andasse bem até Juqueiros, para assim condenar o luzo.
Isto só a batata...

Hino Revolucionário

Dedicado ao jornal «O BALUARTE»

Vê-se o sol a despontar,
No além do Oriente;
Essa luz tão resplandente
Já p'ra nós vem a marchar!

E' preciso preparar
O povo, rapidamente,
Para que, alegremente,
Receba o raio solar.

Côro

A' lucta, à lucta,
O' operário;
A' lucta, à lucta,
Contra o sicário.

Vai raiar a liberdade,
O' famêlicos da terra!
Preparai-vos para a guerra
Desta biltre sociedade.

Já na Rússia, a Verdade,
Seus alicerces fizera,
A todo o Mundo dissera
O caminho da Igualdade.

Côro

A' lucta, à lucta,
Etc.

Vem comigo, camarada,
Como amigo e como irmão
Combater contr'a opressão
Desta sociedade escrava.

Vem comigo para a lucta
Já se aproxima a hora,
Teu nome termina agora,
O' vadio, ó prostituta.

Côro

A' lucta, à lucta,
Etc.

Além, já a Nova Aurora
Por nós está a chamar,
Vamo-lá então esperar,
Mas isto sem ter demora.

Segue-me, pois, operário,
Camarada e bom irmão,
A fazer a Revolução,
Combater o teu sicário.

Côro

A' lucta, à lucta,
Etc.

OLIMPIO MORENO

Movimento Operário

A União dos Sindicatos Operários de Guimarães, resolveu enviar na passada terça-feira, novo officio á Camara Municipal, pedindo providencias sobre a subida do preço do milho e outros cereais.

Esse officio era assim concebido:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Camara Municipal de Guimaraes:

Mesmo agora acabou de reunir a União dos Sindicatos Operários, com o intuito de apreciar a resposta da Ex.^{ma} Camara, a respeito da subida do preço do milho e outros cereais, como pedia no officio dirigido a V. Ex.^a com data de 26 de outubro.

Essa resposta devia ter sido mais agradável, pois que em nada satisfaz o preço do milho a seis escudos, visto que nós, operarios, não ganhamos o suficiente para poder comprá-lo.

Queiram V. Ex.^{as} resolver o assunto, porque isto assim não pode continuar.

Esperamos resposta urgente, sobre o que V. Ex.^a resolver, para nossa orientação.

Desde já penhoradamente agradecemos.

Saude e Fraternidade.

Guimarães, 9 de Novembro de 1920.

O Secretario Geral,

João da Silva.

A resposta ao primeiro officio tinha sido dada ao Secretario Geral da União dos Sindicatos, pelo Sr. A. L. de Carvalho, administrador do concelho, que disse que os proprietarios resolveram vender o milho a seis escudos o alqueire, dizendo os padeiros que, com o milho a este preço, podem vender o pão a trinta e dois cent.

E ainda havia a imposição dos proprietarios que diziam vendê-lo a esse preço se todos os proprietarios do concelho ao mesmo preço o vendessem também.

Ainda julgam fazer grande beneficio ao povo!

E' revoltante!

Ah! rapinantes!

Em vista desta resposta é que a União dirigiu o officio acima transcripto e que foi acompanhado de uma comissão.

No final da sessão da Camara o Sr. A. L. de Carvalho, convidou a dita comissão a entrar, para explicar o que se passara.

Afinal, nada mais adiantou do que o que já tinha dito.

Foi então resolvido convocar uma reunião magna, sendo para tal fim convidado o Ex.^{mo} Administrador, pe-

dindo-lhe no mesmo officio, para que convidasse também o Ex.^{mo} aliezes da G. N. R.

Contavamos com a presença destas autoridades, resultando a reunião começar mais tarde que a hora marcada.

Depois de estar a funcionar a assembleia, appareceu na meza da presidencia uma carta do Ex.^{mo} Administrador, dizendo o seguinte:

Ex.^{mos} Senhores:

Não me sendo possível comparecer á vossa reunião, agradeço todavia o convite que me dirigiram.

Quero ainda assim afirmar-lhes que me conioem todos os anseios de justiça por que se batem os humildes e os simples de coração, procurando imprimir aos meus actos officiais como particulares, toda a porção de acerto que me é possível.

Como prova mandarei amanhã afixar um edital, além de o fazer seguir de outras providencias — aquelas que a dentro da lei e do principio da autoridade me é possível adoptar nas circumstancias.

Eis tudo quanto lhes poderia dizer, se á reunião pudesse comparecer.

De resto, conto com a prudencia das classes trabalhadoras para me ajudarem a cumprir o meu dever.

Aceitai os meus cumprimentos de simpatia.

O Administrador interino,

A. L. de Carvalho.

Já ficam os camaradas e amigos leitores do «Baluarte», orientados da carta que o Ex.^o Administrador nos enviou.

Palavras doces, cheias de cordura, mas... os nossos estomagos vão continuando vazios, visto que com palavras não se satisfazem.

Por isso, sr. Administrador, a hora que passa é de amargura para todos os que trabalham. O operariado não pode continuar assim, aguentando com todas as roubaheiras dos exploradores do povo.

Não largaremos mão do assunto enquanto isto não tomar novo caminho.

A'lerta camaradas de trabalho.

A vida só é necessária para ser boa, isto é, feliz.

Assinaturas:

Trimestre	\$65
Semestre	1\$50
Anual	2\$60

As crianças

Sr. redactor de «O Baluarte»

Peco-lhe a publicação da seguinte carta:

Sob o titulo que nos serve de epigrafe, e assinado pelo sr. R. Guimarães, insere o ultimo de «O Baluarte» um artiguinho que deveras me impressionou porque apelava para os corações generosos, na esperança de ver resurgir uma grande obra, humanitaria e simpatica.

Se o bom amigo R. Guimarães dá licença, eu lembro que a imprensa desta terra, tal como o «Comercio de Guimaraes», «O Gil Vicente», «A Vella Guarda» e «A Alvorada», não esquecesse dizer alguma coisa ácerca de tão benemerita instituição e em favor das desprotegidas criancinhas que nenhuma culpa tem dos defeitos desta sociedade em que vivemos.

Por esta publicação, muito agradecido lhe fica

Um leitor de «O Baluarte»

Recordando

Aqui ha tempos lemos no jornal operario «A Batalha», em correspondencia de Guimarães, o seguinte, com respeito á bomba, a quando da greve dos operarios curtidores e surradores.

Dizia que quem descobriu os autores do atentado foi um tal José Carneiro, que, em confissão ao padre Francisco Saraiva, lhes disse quem foram os autores do atentado.

Seria verdade?

Acreditamos, porque nem o Carneiro nem o padre se defenderam da accusação que lhes fez o correspondente.

Pois se isto foi verdade, bem mereciam ser punidos ambos: um, porque no intuito de ir para o «céu», foi condemnar os seus camaradas, quando afinal, pelo que depois se soube, elle também pertencia ao rol dos condemnados; o outro, o padre, por revelar cá fora o que um intrujão lhe havia confiado no confissionario.

E assim se atiram para a prisão dous camaradas, um deles nosso amigo, como é o «Ribeirinho».

E uma vez descoberto isto, que devem fazer os camaradas dos prezos?

Justiça de Fafe sobre os autores da expulsão daqueles camaradas.

J. M.

Operários de Guimarães!

LÊDE «O BALUARTE»

Cooperativismo

É este um assunto de grande interesse para os nossos operários; é este um assunto que os operários da nossa terra tem tratado com desdém; é este um momentoso assunto que desde longos anos tem sido bastante discutido na Federação das Associações Operárias, hoje União dos Sindicatos Operários de Guimarães.

Todas as ideias boas que a esta União tem sugerido, ficam esquecidas, sendo postas em pratica apenas por algumas entidades vimaranenses.

E nós cruzamos os braços e deixamos cantar a «sercie».

Vamos, camaradas da nossa terra, mãos á obra, porque nós temos bastante numero de Associações de Classe que devem contribuir com os seus capitais para uma obra que a todos nós vem beneficiar, na ocasião em que se vende um alqueire de milho por seis escudos!

É pasmoso e revoltante!

Quando acabará este grande indiferentismo a que os nossos operários estão lançados?

Mãos á obra, e que nem as Associações de classe faltem aos seus deveres nem nós, operários, deixemos de auxiliar, moral e materialmente, tão útil Instituição.

Agora que tratamos deste assunto, lembramos que na U. dos S. O. desta cidade existe um pequeno esboço para a regulamentação da Cooperativa, bem como os seus estatutos, producto de bastante trabalho de alguns companheiros nossos que não se pouparam para levar á efeito obra tão util e de que todos nós tanto necessitamos.

Vede, camaradas, como outras cooperativas da nossa terra, prosperam! Por serem administradas pela burguezia? Puro engano!

As diversas Associações de Classe desta terra quem as tem administrado? Os operários. E elas lá vão em progresso, com passos agigantados e se mais não tem feito, de quem é a culpa? Dos operários que as vêem com desdém e não tem uma insignificante quota para as auxiliar.

Mãos á obra, para que os nossos vindouros não tenham de nos tomar estreitas contas e que o azorrague não tenha de nos marcar as faces, já macilentas pela fome!

Pela fome, sim, que campeia em todos os nossos lares!

Guimarães.

SOCEGO.

Povo que dorme, tirania que desperta.
A. GARRETT.

Ao soldado

Soldado, filho do povo! O' tu que caminhas para o abismo, para o sorvedouro humano, para matares o teu irmão, o teu camarada, tão barbaramente, sem que elle nada te tenha feito, apenas para consolidares nas cadeiras da governança aqueles que só te tem causado mal, roubando-te e reduzindo-te á miseria; que te obrigam a perder a vida e a fazê-la perder aos teus irmãos de trabalho, contra quem tu te vais bater injustamente.

Urge, pois, que medites na missão infame que desempenhas para se acabar com esta horrorosa calamidade, a qual só tem por fim reduzir-te á mais degradante miséria.

Tu não és mais nem menos que um escravo a quem o capital arma em carrasco quando lhe apraz. É tu que pensas fazer de futuro? Continuar a servir os teus vilões, sujeitando-te ás ordens dos agaloados, para que eles vivam faustosamente á tua custa?

Pensa no papel ridiculo que desempenhas. Não sigas as ordens dos teus mandatarios. Lembra-te que és filho do povo, do escravo, daquele que tudo produz e nada tem. E quando vires qualquer movimento operario contra o capital e os agaloados te mandem fazer-lhes fogo, volta as tuas armas contra eles e diz-lhes:

Contra vós, sim, que nada produzis; contra aqueles, não, porque são os meus irmãos na miséria!

E só assim mostrarás compreender os teus deveres como homem.

Braga.

OLÍMPIO MORENO.

Transcrição

Do nosso prezado camarada de Braga, «Noticias do Norte», em correspondencia desta cidade, transcrevemos o seguinte:

«Cá temos um novo «Zé do Telhado» mas este não é como o outro seu «irmão» que vendia açúcar a 8\$000 o quilo, mas sim azeite a 4\$500 o litro que lhe custou 2\$500!

Pois este novo «Zé do Telhado», um grande benemerito da pobreza, mora ali para os lados da rua de Camões e tem por socios, entre outros, um tal Cha...fa...ri...ca que tambem serve bem para pegar ao andar.

Foram 4 cascos que deram a bagatela de 6.000\$000 de lucros, aproximadamente. Era preciso que estes «cavalheiros» recebessem o premio merecido, competindo ás classes operarias aplicar-lho».

Como tudo isto mete nojo!

¿Não virá um raio que parta tais gatunos?

DEFINIÇÕES SOCIAIS

A patria

A patria é a capa dos potentados, dos chamados deuses do ouro.

A patria é a mãe dos criminosos, a sua protectora.

A patria é a forma astuciosa que os governantes, os parasitas, estudaram para poderem subjugar-nos, quando entenderem que nos devem usurpar, roubando-nos o sangue e o producto dos nossos braços.

A patria é, finalmente, a consumação da infamia, a origem das carnificinas guerreiras, a desgraça dos humildes, a sua degradação, a sua miséria, as suas torturas, a sua ruína.

Morra a patria.

Braga.

OLÍMPIO MORENO.

As tentativas de um bruto

É elle Pedro Fernandes, um tal mestre carpinteiro, que alugou o prédio onde se encontra instalado o maior numero de Sindicatos Operários de Guimarães, á rua Gravador Molariño e cujo arrendamento elle declara ter feito com o proprio dono do prédio, o sr. João de Paiva.

Pois o tal Pedro Fernandes subalugou-o ás Associações de Classe, ali instaladas, por 100 escudos anuais, pagaveis em 30 de Setembro de cada ano; e, pago o aluguer no dia designado, qual não foi a nossa admiração ao termos agora conhecimento de que elle pensa pôr as Associações na rua, talando em acção judicial de despejo!

Haverá lei para tal? Julgamos que não. Será tudo isto feito de combinação com o verdadeiro senhorio? Há quem diga que sim; mas seja como for, o culpado é o tal Pedro, como demonstraremos no proximo numero por a falta de espaço nos impossibilitar de o fazermos agora.

Alerta, com tal bruto.

OFICINA DE CARPINTARIA

Madeiras e pregagens

Encarrega-se da construcção e reconstrucção de obras da construcção civil, referentes a carpintaria

Alfredo da Costa e Silva Guimarães

Rua de S. Torcato, 10 — GUIMARÃES